

# Aula 2

## HIPERMODALIDADE: HIPERTEXTUALIDADE E MULTIMODALIDADE

### **META**

Apresentar o conceito de hipermodalidade e como ele envolve a compreensão do que é a multimodalidade e a hipertextualidade.

### **OBJETIVOS**

Definir o termo “hipermodalidade”;  
Entender que a hipermodalidade envolve questões de multimodalidade e hipertextualidade;  
Refletir sobre as relações estabelecidas entre a hipermodalidade e a forma como as pessoas se comunicam atualmente.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Já ter utilizado a internet em algum momento. Ter feito a aula 1.

**Ana Flora Schlindwein**  
**Paulo Roberto Boa Sorte Silva**

### INTRODUÇÃO

Dando continuidade ao nosso debate sobre a relação entre tecnologia e sociedade, nesta aula iremos refletir se o surgimento de novos recursos, disponíveis graças às novas tecnologias digitais, estão ou não afetando nossa comunicação e a maneira como produzimos textos.

Iniciaremos com um pequeno exercício de memória: levando em consideração desde a sua infância até o momento presente, você acha que a forma como você escreve ou lê mudou? Se sim, essa mudança está relacionada com as tecnologias?



Legenda: Mudanças tecnológicas

Fonte: <https://morguefile.com/photos/morguefile/4/telephones/pop>

Se você usa um celular ou um computador, provavelmente sua resposta foi sim para as duas questões. Conforme comentamos na aula passada, o ser humano foi desenvolvendo tecnologias que o auxiliaram a mudar o mundo ao seu redor. Por sua vez, essas tecnologias também foram alterando a forma de viver do homem, criando uma relação de mútua transformação entre sociedade e tecnologia. Quando observamos especificamente as ferramentas concebidas para a escrita – e as de comunicação em geral – podemos perceber como elas foram mudando mais rapidamente nas últimas décadas. Como isso pode afetar a produção de textos? Responderemos a essa pergunta a seguir.

## O QUE É UM TEXTO?

A forma mais fácil de responder à pergunta acima é dizendo o que não é um texto: ele não é um conjunto aleatório de palavras ou de frases. O que falamos ou escrevemos em uma situação de comunicação – ou seja, quando queremos comunicar algo para alguém –, tanto em um contexto formal ou informal, é um texto. Provavelmente algumas pessoas irão se perguntar: “mas o que falamos é um texto? Texto não é só quando escrevemos?”.

Esse é o primeiro erro ao conceituar texto, pois ele pode ser tanto uma produção impressa quanto oral. Como afirma Antunes (2010, p.31) o texto “é uma expressão de uma atividade social”, seja ela escrita ou não. A autora enumera outras características de um texto, como a orientação temática (construção do texto a partir de uma ideia central), coesão e coerência e a intertextualidade.

Ao relatar a história do livro e da leitura, Chartier (1999) observa que as alterações no suporte escrito, tais como do rolo ao códice medieval (dos quais trataremos de forma mais aprofundada na aula 4), do livro impresso ao texto lido na tela de um computador, acarretaram mudanças nas formas de ler. Não lemos apenas textos verbais escritos ou orais, lemos também imagens (estáticas e em movimento), cores, sons e outros elementos. Isso tem feito com que alguns estudiosos ampliem a definição de texto, principalmente quando consideramos os textos multimodais, como veremos a seguir.

## MULTIMODALIDADE

Observe a imagem a seguir.



Legenda: Livro pop up

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3APonnahduskirjan\\_toimintaperiaate\\_-\\_kuvassa\\_Jan\\_Pienkowskin\\_Kummitustalo\\_1979.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3APonnahduskirjan_toimintaperiaate_-_kuvassa_Jan_Pienkowskin_Kummitustalo_1979.jpg)

Atribuído a: By Kim Viljanen (Own work) [CC0], via Wikimedia Commons

Você já tinha visto um livro pop-up? Esse nome tem origem inglesa e significa “surgir” pois ao folhear o livro imagens “surgem” ou “saltam” das páginas, formando figuras em três dimensões. Esses livros conjugam textos verbais e imagens bidimensionais e tridimensionais para contar as suas histórias, em outras palavras, para entender a história o leitor precisa ler tanto o que está escrito quanto o que está desenhado, pois o sentido é construído por ambos.

É verdade que em alguns textos as imagens são usadas apenas como acessórios e, caso fossem excluídas, não fariam muita falta. Porém, há textos que só fazem sentido se lermos, por exemplo, as palavras e as imagens ao mesmo tempo. Veja o caso a seguir.

Pinguim 1: “Ops!”

Pinguim 2: “A verdade é que, por serem aves que não voam, os pinguins desta tira conseguem voar até demais”.

Pinguim 2: “O que significará isso? Algum sentido poético da vida? Um absurdo sentido de humor? Metáforas misteriosas? Estranhas alegorias?”

Pinguim 2: “Talvez nunca compreendamos tudo”.

Pinguim 3: “Esse pinguim me devia quinze pratas”.

O que você entendeu do texto? Por que o primeiro pinguim disse “Ops!”? Como isso está relacionado ao fato de que os pinguins não voam? Por que o terceiro pinguim comenta sobre a dívida?

Observe agora a imagem a seguir



Legenda: Imagens sem texto

Fonte: <https://quadrinhos.wordpress.com/tag/pinguins/>

Pelos recursos usados pelo desenhista conseguimos entender que um vento forte fez com que o pinguim que segurava o guarda-chuva saísse voando. Mas qual a graça nisso?

Você percebeu que se você ler só a parte escrita ou se você ler só as imagens, você terá interpretações diferentes? Agora vejamos o que acontece quando o texto escrito se junta à imagem.



Legenda: Pinguins de Liniers – exemplo de texto multimodal

Fonte: <https://quadrinhos.wordpress.com/tag/pinguins/>

Essa tirinha do quadrinista [pessoa que cria histórias em quadrinhos] Ricardo Liniers Siri [artista argentino, nascido em 1973] exemplifica como a interpretação só é completa, ou seja, só faz sentido se consideramos, ao mesmo tempo, palavras e imagens. Essa relação foi estudada por Eisner (2010) que explica, por exemplo, que até mesmo a forma como as letras são usadas em uma história em quadrinhos (o que chamamos de letramento) significa. As letras funcionam “como uma extensão da imagem”, podendo fornecer “o clima emocional, uma ponte narrativa” ou “a sugestão de um som” (EISNER, 2010, p.2-4).

Quando uma produção de sentido – como a da história dos pinguins anteriormente apresentada – depende de mais de um código semiótico chamamos ela de texto multimodal. Mas o que seria um código semiótico? De acordo com Santaella (1990, p.13):

a semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido

Assim, um código semiótico nada mais é do que um conjunto de regras que dão sentido a um tipo de linguagem. Essa linguagem pode ser verbal, gestual, imagética, sonora e etc.

De acordo com Kress e Van Leeuwen (1996) e Kress (2003, 2010), o texto multimodal tem seu sentido construído a partir de diferentes elementos, tais como imagens estáticas (desenhos, fotos, gráficos, tabelas), imagens em movimento (vídeos e gifs), palavras, sons, cores e etc. Mas a multimodalidade não é algo novo, ela já existe há muito tempo, sendo um exemplo os antigos textos egípcios:



Legenda: Imagem de um papiro antigo

Fonte: <https://pt.freeimages.com/photo/egipt-hieroglyph-papyrus-1528947>

Você percebeu como texto e imagem estão juntos?

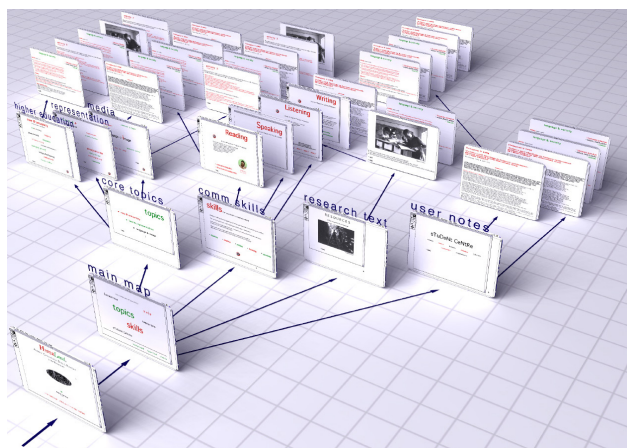
O desenvolvimento de novas tecnologias apenas impulsionou a multimodalidade, como veremos mais adiante. Primeiramente iremos entender como o texto virou um hipertexto.

## HIPERTEXTO

Se formos definir tecnicamente o conceito de hipertexto diríamos que ele é um documento eletrônico composto por páginas e ligações (*links*) entre elas. Leffa e Vetromille-Castro (2008) comentam que no princípio o hipertexto era constituído de um texto que possuía palavras-chave que direcionavam o leitor para outros textos. Esses outros textos também tinham palavras-chave que remetiam o leitor novamente a outros textos, e, assim, sucessivamente. Os autores usaram o exemplo do sistema solar para exemplificar essas relações:

O hipertexto no computador é um texto ao redor do qual gravitam outros textos, como um sistema planetário onde cada planeta pudesse assumir a qualquer momento a posição central do sol, determinado pela vontade do leitor. Ao contrário do papel, que é essencialmente bidimensional (da esquerda para direita e de cima para baixo), o computador é tridimensional, permitindo também uma leitura em profundidade, como se cada página fosse uma carta de baralho que pudesse ser trazida para a frente (LEFFA E VETROMILLE-CASTRO, 2008, p.171).

Atualmente não só uma palavra, mas outros elementos, como uma imagem – estática ou em movimento – podem ser um link que conduzirá o leitor para uma nova página. Outra forma de pensar a organização hipertextual é exemplificada na figura abaixo:



Legenda: Forma de conceituar as ligações hipertextuais  
Fonte: <http://www.mediafactory.org.au/anh-vu/page/18/>

Ao analisar a constituição de textos na internet, Landow (2006) comenta que o hipertexto coloca em suspensão a noção de unidade, ou seja, algo com começo, meio e fim bem claros, formato esse geralmente associado à construção do texto impresso. Como complementa Finnemann (2005, p. 25) no:

texto impresso, o leitor move-se do capítulo 1 para o capítulo 2, enquanto no hipertexto é obrigado a escolher a ordem sequencial em vários estágios da viagem. Mas mesmo assim, vai ter que escolher, vai ter que determinar a ordem em que vai ler os textos e esta ordem será sempre sequencial

Assim é o próprio que leitor que precisa decidir quais caminhos irá tomar ao navegar em diversas páginas, pois toda vez que ele clica em um link ele é direcionado para outro espaço. Como observa Santaella (2004, p.175), “a leitura orientada hipermediaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para outro, juntando fragmentos que se vão unindo mediante uma lógica associativa”, que é diferente em cada pessoa.

Tendo visto o que é multimodalidade e hipertextualidade, agora podemos estudar o que é a hipermodalidade.

### HIPERMODALIDADE

A hipermodalidade é a união da multimodalidade com a estrutura hipertextual:

Não temos apenas a conexão entre unidades de textos em vários níveis, temos também a conexão entre unidades de textos, elementos visuais, e unidades sonoras e essas conexões vão além dos padrões convencionais dos gêneros multimodais tradicionais (LEMKE, 2002, p.301)

Essas novas possibilidades de criação textual estariam afetando a forma como lemos. Santaella (2004), ao observar como as pessoas estão lendo, delineou um novo perfil de leitor, chamado “leitor navegador”, que teria surgido graças às novas tecnologias de informação e comunicação. Esse leitor está:

Em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro mutilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeos e etc. (SANTAELLA, 2004, p.33).



Considerando esse novo leitor apresentado por Santaella (2004), você acha que temos que rever a forma como ensinamos? Será que precisamos repensar os materiais que usamos? Seriam só os materiais que precisaríamos mudar, ou as metodologias também?

## CONCLUSÃO

Foi possível observar através de fenômenos como o surgimento do hipertexto – e, posteriormente, da hipermodalidade – que as criações tecnológicas humanas podem gerar mudanças que não tinham sido previstas ou projetadas, como a forma que nós estamos produzindo e lidando com textos no ambiente digital.



## RESUMO

Nesta aula, vimos que para entendermos o termo “hipermodalidade” precisávamos primeiramente estudar outros dois conceitos: multimodalidade e hipertextualidade. A multimodalidade diz respeito à pluralidade de modos utilizados durante a comunicação, ou seja, é o uso simultâneo de, por exemplo, textos verbais e imagens, ou imagens e sons. Já a hipertextualidade é uma nova forma de construir caminhos de leitura em materiais digitais, nos quais a linearidade não é obrigatória e o leitor tem uma maior liberdade de escolha. Finalizamos refletindo se a hipermodalidade, que é a junção dos conceitos de multimodalidade e hipertextualidade, tem exigido um novo perfil de leitor.



## ATIVIDADES

Você deverá escolher um texto curto – que poderá ser uma letra de música, um poema ou algum outro tipo. Se você fosse transformá-lo em hipertexto:

- que palavras você escolheria?
- para onde as palavras clicadas levariam o seu leitor? Para um outro texto? Para uma imagem? Para um vídeo?

Você pode fazer um esboço das opções em uma folha de papel mesmo, pois isso irá ajudá-lo a visualizar os possíveis caminhos de leitura.

Tendo terminada essa atividade, faça as seguintes reflexões:

- a) Como a criação de hipertextos poderia ajudar o seu futuro aluno de inglês a entender melhor, por exemplo, a letra de uma música ou um poema?
- b) Você acha que materiais multimodais (que apresentam não só textos, mas imagens, sons, vídeos e etc.) ajudam no aprendizado?

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Esta atividade deverá ajudá-lo a entender na prática como se estrutura um texto hipertextual, mesmo que você não o faça na internet. A escolha da palavra que será um link não é algo banal, pois ela irá determinar um possível caminho de leitura. Isso demonstra que, apesar do leitor ter opções e a liberdade de escolher para onde direcionar a sua leitura, ainda é o escritor que criará os possíveis caminhos. Essa reflexão ganha mais importância se pensarmos no desenvolvimento de materiais para ensino de Inglês. Se você consegue prever com acerto as dificuldades que seus alunos terão, se você criar links com esclarecimentos para essas dúvidas, você proporcionará maior autonomia para o aluno, que poderá estudar o material a qualquer momento.

Com relação à multimodalidade, pense no seu aprendizado da língua inglesa. Quantas vezes não foi mais fácil entender o que queria dizer uma palavra em inglês quando esta estava acompanhada de uma imagem ou de um vídeo que tornou mais claro o seu sentido? Não seria importante então desenvolver materiais que tivessem múltiplas linguagens, como imagens, sons, vídeos e etc.?



### AUTO-AVALIAÇÃO

Após estudar esta aula eu sou capaz de entender as definições apresentadas para a multimodalidade, a hipertextualidade e a hipermodalidade? Sou capaz de explicar porque alguns autores têm apontado o surgimento de um novo tipo de leitor? Consigo estabelecer a relação entre os conceitos aqui estudados e sua importância no ensino de língua inglesa?



## PRÓXIMA AULA

As novas tecnologias estão possibilitando o surgimento de novos leitores e, também, de novos escritores. Na próxima aula veremos como o ensino da escrita, através dos estudos sobre alfabetização, letramento(s) e multiletramentos, tem se transformado graças à presença cada vez maior das novas tecnologias.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1997.
- EISNER, W. **Quadrinhos e Arte Sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FINNEMANN, N. O. **Hypertext and the representational capacities of the binary alphabet**. Disponível em: <<http://www.hum.au.dk/ckultur/f/pages/publications/nof/hypertext.htm>>.
- KRESS, G. **Literacy in the New Media Age**. London: Routledge, 2003.
- KRESS, G. **Multimodality**: a social semiotic approach to contemporary communication. London: Routledge, 2010.
- KRESS, G.; MAVERS, D. Social Semiotic and Multimodal Texts. In: SOMEKH, B.; LEWINC, C. **Research Methods in the Social Sciences**. London: SAGE, 2005.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 1996.
- LANDOW, G.P. **Hypertext 3.0**: Critical Theory and New Media in an Era of Globalization. Baltimore (Maryland): The John Hopkins University Press, 2006.
- LEMKE, J. Travels in hypermodality. In **Visual Communication**. London: SAGE, 2002.
- LEFFA, V.; VETROMILLE-CASTRO, R. Texto, hipertexto e interatividade. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 166-192, jul./dez. 2008.
- SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço** – o perfil do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1990.